

A SOANTE NASAL PALATAL /ɲ/ NAS ESCRITAS INICIAIS

SIMONE SILVEIRA DA SILVA¹; LORENZO STEINHORST RICHETTI²; ANA RUTH MORESCO MIRANDA³

¹Universidade Federal de Pelotas – simonesilveira.s@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lorenzo.richetti@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – anaruthmmiranda@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a linguagem salientam que a aquisição da fala e da escrita são processos distintos. Conforme CHOMSKY (1998), a aquisição da fala é resultado de uma pré-disposição inata, à medida que todo o ser humano desenvolve a gramática de sua língua, necessitando para tanto apenas estar inserido em uma comunidade de fala. Já a escrita é um artefato cultural e é necessário uma mediação para a aprendizagem relativa ao sistema alfabético, cuja aquisição envolve aprendizagens relativas à constituição básica de um sistema que representa a camada fônica da língua. Há mais de 20 anos o GEALE (Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita) vem desenvolvendo pesquisas com foco no erro (orto)gráfico¹ produzido por crianças dos anos iniciais. A perspectiva de aquisição adotada pelo grupo de pesquisa é construtivista, inspirada em FERREIRO e TEBEROSKY (1984), autoras para as quais, desde muito cedo, a criança ensaia suas primeiras escritas, a partir de hipóteses formuladas relativamente à constituição e ao funcionamento do sistema de escrita alfabético. Nesta perspectiva, o erro é visto como construtivo, revelador do conhecimento que o aprendiz constrói acerca da escrita em aquisição.

O tema deste trabalho de pesquisa é o estudo do erro (orto)gráfico referente às grafias da soante palatal /ɲ/. As soantes palatais não estavam presentes no inventário do latim clássico e são resultado dos processos fonológicos de palatalização ocorridos da passagem do latim para o português. A soante nasal palatal /ɲ/ se origina de sequências como *ni*, *n*, *nn*, *gn* e de processos que envolvem o “i” em hiato (SILVA, 1996). O contexto de uso do segmento é o intervocálico. A soante nasal palatal é considerada um segmento complexo por ser constituída por duas articulações uma primária no ponto de consoante e outra secundária no ponto de nó vocálico (MATZENAUER-HERNANDORENA, 1994).

Na aquisição da fala, a consoante nasal palatal é adquirida pela criança por volta de 1 ano e 7 meses (MATZENAUER-HERNANDORENA, 2000). Também na aquisição da escrita se observa dificuldade, o que pode ser atribuído ao fato de ser um fonema formado por duas letras (dígrafo) sendo representado na ortografia do português pelo grafema <nh>. Cagliari (2002) salienta que os dígrafos com H se formaram para representar fonemas que entraram na língua, posteriormente, isto é, em algum momento da evolução do latim para o português, como ocorreu com

¹ “O uso de parênteses tem como objetivo demarcar a diferença existente entre erros relacionados às regras do sistema ortográfico propriamente dito, os quais envolvem as relações múltiplas entre fonemas e grafemas, definidas contextual ou arbitrariamente, e aqueles produzidos na fase inicial do desenvolvimento da escrita, muitas vezes motivados por questões representacionais ou ainda por influência da fala, isto é, referentes ao funcionamento fonológico da língua” (Miranda, 2014, p. 47).

as palatais. O objetivo deste estudo é descrever os erros nas grafias da nasal palatal produzidos por alunos dos anos iniciais.

2. METODOLOGIA

Os dados analisados neste trabalho correspondem a grafias extraídas de ditados² produzidos por alunos matriculados em turmas de 1^a e 2^a série do Ensino Fundamental. As grafias pertencem ao estrato 5 do acervo do BATALE (Banco de Textos da Aquisição da Linguagem Escrita) de propriedade do GEALE (Grupo de Estudos Sobre Aquisição da Linguagem Escrita). As categorias de análise utilizadas são: série, tipo de troca, erros, acertos, natureza do erro (fonológica, ortográfica ou fonográfica) e relação do erro com a diacronia da língua.

As amostras serão analisadas com foco nos fatores que motivam a produção do erro na grafia da soante nasal palatal. A análise dos dados será feita com base nas categorias propostas por MIRANDA (2020). Para a autora o erro é de natureza fonológica quando há alguma complexidade segmental ou prosódica envolvida, sem que haja complexidade ortográfica, isto é, relações múltiplas entre fonemas e grafemas; é de natureza ortográfica quando há mais de uma opção de grafia no sistema ortográfico (contextual ou arbitrária); e é de natureza fonográfica quando não se identifica complexidade fonológica ou ortográfica, mas sim efeitos relacionados a mecânica da escrita, tais como traçado ou sequenciamento de letras, inserções ou omissões de letras ou sílabas sem motivação fonológica. Os erros também serão analisados com base nos processos que se assemelham àqueles observados na diacronia da língua, especificamente, na evolução do latim ao português.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Contabilizou-se um total de 273 dados envolvendo a grafia da soante nasal palatal em turmas de 1^a e 2^a série do ensino fundamental. Sendo 30 relativos à 1^a série e 243 à 2^a. Note-se que a diferença quantitativa observada tem a ver com a fase de desenvolvimento da escrita, estando as crianças da 1^a série em etapas pré-alfabéticas, na sua maioria.

Das 30 palavras registradas nas turmas de 1^a série 23 contêm erros na grafia da nasal palatal e 7 são acertos. No gráfico a seguir pode-se visualizar a distribuição porcentual dos erros na amostra.

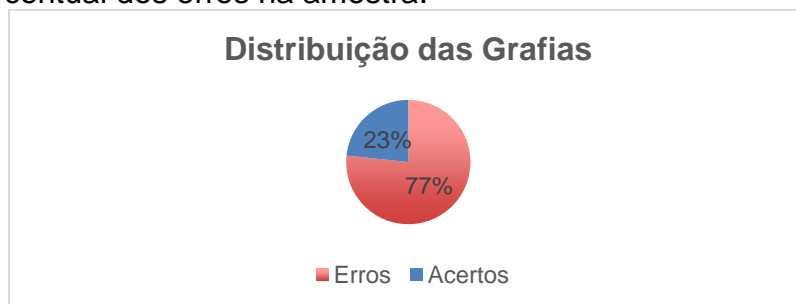


Figura 1 - Distribuição de erros (orto)gráficos na grafia da soante nasal palatal na 1^a série.
Fonte: Elaboração própria.

² O instrumento utilizado foi um ditado contendo 7 imagens das palavras: sonho, pinheiro, banheira, linha, aranha, unha e cavalo-marinho. O ditado de imagens tem como objetivo possibilitar que a criança reflita sobre a escrita ortográfica da palavra sem que seja fornecido a ela alguma pista acústica.

Com relação as turmas de 2ª série registraram-se 23 dados contendo erros e 220 com acertos na grafia da nasal palatal. No gráfico a seguir visualiza-se a distribuição porcentual dos erros na amostra.

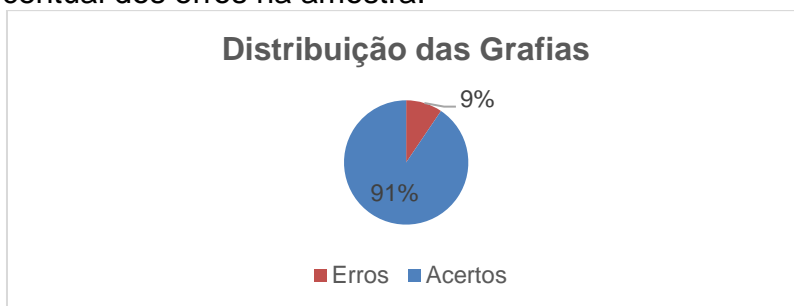


Figura 2 - Distribuição de erros (orto)gráficos na grafia da soante nasal palatal na 2ª série.
Fonte: Elaboração própria.

A partir dos resultados apresentados nas Figuras 1 e 2, observa-se uma redução significativa dos erros da 1ª para a 2ª série (de 77% para 9%) com o consequente aumento do porcentual de acertos (de 23% para 91%).

Exemplos das grafias encontradas na amostra estão reproduzidos no quadro a seguir. Os erros foram classificados com base em sua motivação, quais sejam: fonológica, ortográfica ou fonográfica, conforme proposto por Miranda (2020).

	Palavra alvo	Dígrafo alvo	Grafia da palavra	Tipo de troca	Tipo de processo	Natureza do erro
a.	sonho	nh	sogho	gh/nh	traçado	Fonográfica/Fonológica
b.	banheira	nh	bnoera	no/nh	segmental	Fonológica
c.	aranha	nh	arema	m/nh	traçado	Fonológica/Fonográfica
d.	banheira	nh	bãiera	i/nh	segmental	Fonológica
e.	aranha	nh	a rãia	i/nh	segmental	Fonológica
f.	banheira	Nh	braera	Ø/nh	omissão	Fonológica
g.	banheira	Nh	bannera	nn/nh	segmental	Fonográfica/Fonológica
h.	linha	Nh	Lina	n/nh	segmental	Fonológica
i.	aranha	Nh	araia	i/nh	segmental	Fonológica

Figura 3 - Trocas envolvendo o dígrafo <nh>
Fonte: Elaboração própria

No caso identificado em **a.** (troca do gh/nh) observa-se um erro que poderia estar relacionado à dificuldade com o traçado de letra, tendo motivação fonográfica, outra hipótese interpretativa, no entanto, pode ser levantada. Considerando-se que na diacronia, umas das formas que derivou a soante palatal foi a sequência <gn>, possivelmente por efeito do traço [dorsal] da consoante /g/, teríamos, neste caso, um processo similar ao observado na evolução da língua, o qual estaria se manifestando na escrita inicial, momento em que as crianças buscam analisar internamente às unidades segmentais.

Devido à complexidade relativa à estruturação interna do segmento, conforme reportado por Miranda (2014) e Silva (2023), observa-se a adoção de diferentes estratégias para a grafia da soante palatal, as quais têm respaldo na fonologia. Há casos em que se observa o registro somente da porção vocálica do segmento <i>; casos em que há o registro apenas da porção consonantal <n>, a cisão de nós <ni> ou ainda os casos em que se registra o apagamento do segmento inteiro. Este tipo de erro é interpretado, pois, como sendo de natureza fonológica.

No exemplo em **c.** o traçado apenas da porção consonantal do segmento indica motivação fonológica, porém a grafia de <m> ao invés de <n> pode ser indício de motivação fonográfica causada pela semelhança entre os dois grafemas.

Os casos em que se identifica mais de um tipo de motivação para a produção do erro são considerados de natureza híbrida (SILVA, 2023; MIRANDA, 2020).

Em **d.**, **e.** e **i.** observa-se o mesmo tipo de processo fonológico registrado em **c.** porém com o traçado apenas da porção vocálica do segmento. Na grafia em **h.** também o erro teria natureza fonológica, neste caso, com a grafia da porção consonantal do dígrafo. Em **f.** registra-se a omissão do segmento inteiro o que indicia tentativa de eliminar o segmento complexo, como se observa na aquisição da fonologia.

O exemplo em **g.** corresponde a um dado semelhante aos encontrados no latim antes do processo de palatalização da língua. O erro é considerado de natureza híbrida, pois, a inserção do segmento consonantal <n> demarcaria a motivação fonográfica, enquanto a grafia da porção consonantal do dígrafo indicaria motivação fonológica.

4. CONCLUSÕES

Este breve estudo mostra que no intervalo de um ano escolar a escrita ortográfica dessas consoantes, que têm relação biunívoca no sistema, o /ɲ/ é sempre grafado com <nh>, vai sendo rapidamente aprendida pelas crianças. Os erros, a maior parte em dados do primeiro ano, são indicativos da complexidade fonológica da palatal, o que resulta em uma maioria de erros de natureza fonológica, com a identificação na escrita de formas observadas no desenvolvimento fonológico e também na diacronia.

Por fim, destaca-se a importância da realização deste tipo de trabalho, a medida que pode oferecer subsídios para o trabalho do professor em sua prática docente, fornecendo pistas em relação as melhores formas de intervir no auxílio as dificuldades do aprendiz.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Lingüística**. São Paulo: Editora Scipione, 2002.
- CHOMSKY, N. **Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Tradução Lúcia Lobato; revisão de Mark Ridd - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. 83p.
- FERREIRO, E., TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: ArtMed; 1999[1984].
- MATZENAUER-HERNANDORENA, C. L. **A Geometria de Traços na Representação das Palatais na Aquisição do Português**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 1-167, dez. 1994.
- MATZENAUER-HERNANDORENA C. L. B. As soantes palatais no português brasileiro: uma discussão sobre seu status fonológico. In: Estudos de gramática portuguesa. **Gärtner E, editor**. V. 13. Frankfurt am Main: TFM; 2000.
- MIRANDA A.R.M. A fonologia em dados de escrita inicial de crianças brasileiras. **Linguística**. 2014 dez.;30(2):45-80.
- MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre a natureza dos erros (orto)gráficos produzidos por crianças dos anos iniciais. **Educ. rev.** [online]. 2020, vol.36, e221615. Epub Jan 31, 2020.
- SILVA, S. S. **Os erros híbridos: um estudo sobre as hipersegmentações e os erros na grafia das vogais tônicas e das soantes palatais produzidos por crianças do Ensino Fundamental**. [dissertação]. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas; 2023.